

**Deus na sociedade plural**  
fé, símbolos, narrativas

**Anais do Congresso da SOTER**  
26º Congresso Internacional da  
Sociedade de Teologia e Ciências da Religião

**PUC Minas** | Belo Horizonte - MG  
**8 a 11** de julho de 2013

**SOTER (org.)**

**ANAIS DO CONGRESSO DA SOTER**

26º CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER  
SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
DEUS NA SOCIEDADE PLURAL: FÉ, SÍMBOLOS, NARRATIVAS

**PUC-Minas, 08 a 11 de Julho de 2013**  
**Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil**

COMUNICAÇÕES  
GRUPOS TEMÁTICOS [GTs] e FÓRUMS TEMÁTICOS [FTs]

EDIÇÃO DIGITAL / TEXTOS COMPLETOS

SOTER  
ISSN: 2317-0506  
Belo Horizonte  
2013

## ANAIS DO CONGRESSO DA SOTER

ISSN: 2317-0506

26º CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER / 2013

**TEMA:** Deus na Sociedade Plural - fé, símbolos, narrativas.

**LOCAL:** PUC-Minas, 08 a 11 de Julho de 2013

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

SOTER - Sociedade de Teologia e Ciências da Religião

*Os textos publicados são de responsabilidade de cada autor.*

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Rodrigo Ladeira

**Capa:** Tiago Parreiras

**Publicação eletrônica:** <[http://www.soter.org.br/index.php?](http://www.soter.org.br/index.php?pagina=grupo_livro&tela=45&subtela=)

[pagina=grupo\\_livro&tela=45&subtela=](http://www.soter.org.br/index.php?pagina=grupo_livro&tela=45&subtela=) >

BELO HORIZONTE, 2013

### FICHA CATALOGRÁFICA

A532	Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (26: 2013: Belo Horizonte, MG)
	Deus na sociedade plural: fé, símbolos, narrativas: anais do congresso da SOTER / Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. - Belo Horizonte: PUC Minas, 2013. 2113 p.
	ISSN: 2317-0506
	1. Ciências da religião - Congressos. 2. Teologia - Congressos. I. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
	CDU 291:3

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

## ORGANIZAÇÃO

### DIRETORIA DA SOTER

Dr. Valmor da Silva (Presidente)

Dr. Geraldo Luiz De Mori (Vice-Presidente)

Dr. Pedro Ribeiro de Oliveira (1º Secretário)

Drª. Anete Roese (2º Secretária)

Me. Manoel José de Godoy (Tesoureiro)

### COMISSÃO ORGANIZADORA DO 26º CONGRESSO

#### PRESIDENTE:

Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori (FAJE)

#### MEMBROS:

Profa. Dra. Áurea Marin Burochi (ISTA/PUC Minas)

Prof. Dr. Carlos Frederico Barboza de Souza (PUC Minas)

Prof. Dr. Roberlei Panasiewicz (PUC Minas)

Prof. Dr. Paulo Agostinho Nogueira Baptista (PUC Minas)

Prof. Me. Carlos Alberto Motta (FAJE)

Prof. Dr. Sinivaldo Tavares (FAJE)

### SECRETARIA

Jamir Paulo Moreno (Secretário do ANIMA/SOTER)

Carmen Lúcia de Araújo Vieira (Secretária do ANIMA/SOTER)

Tânia da Silva Mayer (Secretária do 26º Congresso)

PUC Minas, Prédio 4, 2º. Piso – Belo Horizonte – MG – CEP: 30.535-610

### COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Angelo Cardita: Université de Laval, Montreal, Canadá

Profª Drª Wanda Deifelt: Luther College in Decorah, IA – USA

Prof. Dr. Steven Engler: Mount Royal University, Calgary, Alberta, Canadá

Profª Drª Brenda Maribel Caranza Dávila: PUC/Campinas, SP

Prof. Dr. Vítor Westhelle – EST, São Leopoldo, RS

Prof. Dr. João Batista Libanio: FAJE, MG

Prof. Dr. Márcio Fabri: Centro Universitário São Camilo, SP

Prof. Dr. Luis Carlos Susin: PUC/RG, RG

Prof. Dr. Paulo Fernando Carneiro de Andrade: PUC/Rio, RJ

Prof. Dr. Afonso Soares: PUC/SP, SP

### APOIO

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

ADVENIAT - Bischofliche Aktion Adveniat

### PATROCÍNIO

Editora Loyola, Paulinas, Paulus, Sinodal, Santuário, Vozes. CEBI, PUC Minas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
CONFERÊNCIA	11
RELEITURA DO CONGRESSO	23
GRUPOS DE TRABALHO [GTs]	29
GT 1 - Teologia(s) da libertação (TdL)	31
COORD.: PAULO AGOSTINHO N. BAPTISTA; LUIZA ETSUKO TOMITA	
GT 2 – Protestantismos	125
COORD.: RONALDO CAVALCANTE ; ADILSON SCHULTZ	
GT 3 - Exegese e teologia bíblica	279
COORD.: LEONARDO AGOSTINI FERNANDES; PAULO JACKSON N. DE SOUSA	
GT 4 - Filosofia da religião	429
COORD.: FLÁVIO AUGUSTO SENRA RIBEIRO; AGNALDO CUOCO PORTUGAL	
GT 5 - Teologia no espaço público e no mundo contemporâneo	585
COORD.: ÉRICO HAMMES, VITOR GAUDINO FELLER	
GT 6 - Religião e educação	655
COORD.: AFONSO M. LIGORIO SOARES; SÉRGIO ROGÉRIO A. JUNQUEIRA	
GT 7 - Espiritualidade e mística	799
COORD.: CECI BAPTISTA MARIANI; MARIA JOSÉ CALDEIRA DO AMARAL	
GT 8 - Religião, arte e literatura	895
COORD.: ALEX VILLAS BOAS; JOE MARÇAL G. SANTOS	
GT 9 - Religião e relações de Gênero	1013
COORD.: ANETE ROESE; LILIAN CONCEIÇÃO DA SILVA PESSOA DE LIRA; CLÓVIS ECCO	
GT 10 - Religiões de matriz Africana no Brasil: memórias, narrativas e símbolos de religiosidade	1075
COORD.: LUIS TOMÁS DOMINGOS; ZULEICA DANTAS PEREIRA CAMPOS	
GT 11 - Grupo de Iniciação científica 1 e 2	1233
COORD. 1: ÁUREA MARIN BUROCHI; CLETO CALIMAN	
COORD. 2: RODRIGO COPPE CALDEIRA; FRANCISCO DAS CHAGAS ALBUQUERQUE	
FÓRUNS TEMÁTICOS [FTs]	1383
FT 1 - Ética, teologia e religião	1385
COORD.: MARIA INES MILLEN; MÁRCIO FABRI	
FT 2 - Religião, ecologia e cidadania planetária	1457
COORD.: AFONSO MURAD; PEDRO RIBEIRO DE OLIVEIRA	

FT 3 – Interculturalidade	1507
COORD.: ÊNIO JOSÉ DA COSTA BRITO; ROBERTO ERVINO ZWETSH; SELENIR CORRÊA GONÇALVES KRONBAUER	
FT 4 - Teologia, mídias e cultura pop	1549
COORD.: IURI ANDRÉAS REBLIN; WALDOMIRO VERGUEIRO; VALÉRIO GUILHERME SCHAPER	
FT 5 - Sociedade e laicidade	1591
COORD.: MARÍLIA DE FRANCESCHI NETO DOMINGOS; EULÁLIO AVELINO PEREIRA FIGUEIRA	
FT 6 - Práticas religiosas, imagens de Deus e fé cristã	1681
COORD.: SINIVALDO TAVARES; AGENOR BRIGHENTI	
FT 7 - Pluralidade espiritual e diálogo inter-religioso	1729
COORD.: GILBRAZ ARAGÃO; ROBERLEI PANASIEWICZ	
FT 8 - Juventude e religião: fé, símbolos e narrativas numa sociedade plural	1861
COORD.: EMERSON JOSÉ SENA DA SILVEIRA; MANOEL RIBEIRO DE MORAES JÚNIOR	
FT 9 - Linguagem, religião e sociedade: perspectivas bakhtinianas	1925
COORD.: PAULO FERNANDO DALLA-DÉA; ÂNGELO CARDITA	
FT10 - Diversidade religiosa e imaginário	1991
COORD.: CARLOS ANDRÉ CAVALCANTE; ROSALIRA DOS SANTOS OLIVEIRA	

## EDUCAÇÃO E ROMANIZAÇÃO NO PROCESSO ECLESIAL CATÓLICO NO RIO GRANDE DO SUL (1896-1913)

Vanildo Luiz Zugno\*

**Resumo:** Situado dentro do projeto que investiga a relação entre a vinda de Congregações de Vida Religiosa de origem europeia ao Rio Grande do Sul no final do séc. XIX e início do séc. XX e o processo de romanização da Igreja Católica no Brasil, o presente trabalho tem como foco a implantação de escolas feita pelos missionários capuchinhos franceses nas regiões da Serra e dos Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul. Como base documental são compulsadas as correspondências pessoais dos missionários franceses e os relatórios da missão enviados aos superiores religiosos dos capuchinhos na França e em Roma no período entre 1896 e 1913. A conclusão preliminar é de que, na medida em que a motivação para o fomento das escolas era manter os filhos e as filhas dos imigrantes dentro da religião e da cultura católica impedindo as influências do mundo moderno representado pela maçonaria, liberalismo, comunismo e pelos protestantes e, em relação aos “brasileiros” e sua forma peculiar de catolicismo, a adequação aos padrões romanos, as escolas representavam, sim, um elemento importante no projeto romanizante. No entanto, na medida em que buscavam propiciar elementos de integração das novas gerações de descendentes de italianos à realidade social, econômica e política brasileira, as escolas fundadas pelos capuchinhos também foram um elemento contraditório dentro do projeto romanizante.

**Palavras-chave:** Igreja, escolas, romanização, imigração italiana.

**Summary:** Inside of the project that is searching the relation between the coming of Religious life congregation from Europe to Rio Grande do Sul at the end of the XIX century and the beginning of the XX century and the Romanization process of the catholic church in Brazil, the present work it's focus in the implantation of schools builds up for the capuchins missionary of France at the regions of the mountain range and the country on the top of the mountain range of Rio Grande do Sul. Like base of the document were compute the personal correspondence of the France missionary and the report of the mission sent to the Religious superior of the capuchins of France and Rome in period among 1896 and 1913. The preliminary conclusion is while the motivation of the school was maintain the immigrant sons and daughters in the catholic and religious culture preventing the

\* Doutorando em Teologia pela Faculdades EST (São Leopoldo, RS). Bolsista CNPQ-Brasil. Email: zugno1965@hotmail.com

influence of modern world representing b'y masonry, liberalism, communism and protestant and, accordance to the Brazilians and their peculiar way of catholicism, the adjustment to the roman patrons, school represented an important element in the Romanizing project. But, at the moment they are looking for to promote integration elements from the new generation the descendant from Italians to the social reality, economic and brazilian politic, the school founded for the capuchins were a contradiction element into the Romanizing project.

**Key words:** Church, School, Romanization, Italian immigration.

### Introdução

A proclamação da República e a subsequente Constituição de 1891 marcam o fim do Regime de Padroado no Brasil e o início de um período de disputa pela hegemonia ideológica entre a Igreja Católica e o Estado republicano que busca consolidação.

Do ponto de vista da Igreja, é o momento oportuno para levar a cabo “a substituição do antigo modelo eclesial de cristandade pelo modelo tridentino, que considerava a Igreja como uma sociedade perfeita e paralela ao Estado” (AZZI, 2008, p. 73).

Para tal, a Igreja se propõe duas grandes tarefas: a da frente externa ou do confronto com o Estado e os demais atores sociais entendidos como inimigos da fé; a da frente interna ou a da reorganização das forças no interior do corpo eclesial através da eliminação dos elementos débeis que poderiam contagiar o tecido eclesial e a criação de novos sujeitos para o novo projeto de Igreja (LUSTOSA, 1977, p. 48).

A educação católica se situa na confluência destas duas dinâmicas. No interno da igreja, dá-se um movimento em direção à formação de um novo clero para o novo projeto eclesial: “em contraposição ao clero iluminista e envolvido num projeto político de cunho liberal, a Santa Sé passa a exigir um novo modelo sacerdotal, com ênfase numa dedicação exclusiva ao culto divino e na manutenção do celibato eclesiástico” (AZZI, 2008, p. 73).<sup>1</sup>

Mas não só o novo tipo de clero precisa ser formado. Leigos e leigas também necessitam ser purificados das antigas crenças e práticas e serem reconvertidos ao novo modo de ser católico dentro do espírito tridentino (AZZI, 2008, p. 74). As escolas católicas são vistas pela hierarquia da Igreja como instrumento para a mudança. Por um lado, ao formar bons católicos conhecedores da doutrina e dos valores cristãos, contribuem na construção da nova Igreja. Por outro, ao formar católicos em condições de argumentar contra os inimigos da fé - protestantes, maçônicos, liberais e comunistas - elas contribuem para reafirmar a Igreja na sociedade brasileira e, sobretudo, diante daquele que tem o poder para permitir ou proibir as escolas católicas: o Estado.

<sup>2</sup> Sobre a formação do clero na perspectiva ultramontana ver: AZZI, 2008, p. 75; VIEIRA, 2007, p. 114; HASTENTEUFEL, 1987, p. 270-271.



## 1. Uma nova educação para uma nova Igreja

A tarefa de promover a educação católica é confiada pela Igreja às Congregações de Vida Religiosa que, apesar das constantes idas e vindas da política imperial em relação a elas (MOURA, 2000, p. 77-92), vinham ocupando um espaço cada vez mais significativo no Brasil mesmo antes da República, a começar pelo Colégio do Caraça dos Lazaristas em 1819 e o retorno dos jesuítas em Porto Alegre (1842), Florianópolis (1845), Recife e Itu (1867) e Nova Friburgo (1886) (VIEIRA, 2007, p. 167-168).

Em 1882 chegam ao Rio de Janeiro os Padres Salesianos. No ano seguinte começou a funcionar, em Niterói, o colégio Santa Rosa e, em 1884, em São Paulo, é inaugurado o colégio Sagrado Coração de Jesus. Em pouco tempo, a obra educativa salesiana ganha amplitude e destaque em todo o Brasil (VIEIRA, 2007, p. 169-170).

A introdução de Congregações Religiosas femininas dá um grande impulso ao projeto reformador no campo da educação. Em 1849 chegam a Mariana as Irmãs da Caridade que abrem o Colégio Imaculada Conceição no Rio de Janeiro (1852), assumem a direção do Colégio de Santa Teresa em Olinda (1858), fundam o Colégio Coração de Maria em Fortaleza (1865) e, em 1868, o Colégio Santa Isabel de Petrópolis (MOURA, 2000, p. 88-89).

Também no ano de 1849, a recém-criada Congregação das Irmãs do Puríssimo Coração de Maria passa a dirigir a Escola São João da Boa Vista no Rio de Janeiro e, em 1856, abre uma escola na cidade de Pelotas.

Em 1859 as Irmãs de São José de Chambéry estabelecem-se em Itu onde iniciam atividade educativa para as moças. Em 1867 as Irmãs de Santa Dorotéia de Frassinetti abrem obra educativa em Recife e, em 1875 abrem escola em Belém do Pará.

Em 1872 é a vez das Irmãs Franciscanas da Penitência e da Caridade Cristã, sob os auspícios dos jesuítas e a proteção de Dom Sebastião Laranjeiras, abrir convento e colégios em Santa Cruz do Sul (1874), Porto Alegre (1881), Pelotas (1889).

A República e a Constituição de 1891 que institucionaliza a nova ordem e, em seu bojo, o laicismo institucional, estabelece a nítida separação entre Igreja e Estado. Nova ordem que, apesar das inúmeras reclamações dos bispos, não deixa de ser interessante para a Igreja, pois o Estado dá liberdade para a abertura de escolas particulares e confessionais onde o ensino religioso pode ser livremente ministrado (LUSTOSA, 1977, p. 54).

Iniciando pelo colégio salesiano de Lorena (1890) e o Ginásio Gonzaga de Pelotas (1895) dos jesuítas, entre 1889 e 1920, foram 176 instituições de ensino católicas abertas no Brasil. Na década de 20, mais 101 instituições seriam a elas acrescidas (MOURA, 2000, p. 114).<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Para uma história do ensino privado no Rio Grande do Sul, ver: DREHER, Martin N. Breve História do Ensino Privado gaúcho. São Leopoldo: Oikos, 2008.

O esforço dos religiosos e religiosas não foi sem êxito:

Nos anos 1930, cerca de 80% dos estudantes secundários do país se encontram em escolas particulares, sendo que a maior parte deles pertence à Igreja. Por volta de 1931 [...], há poucas escolas primárias, mas três quartos das 700 escolas secundárias eram católicas (MOURA, 2000, p. 99).<sup>3</sup>

Dentre as muitas congregações religiosas que chegam ao Brasil no final do séc. XIX e início do séc. XX, estão os Frades Menores Capuchinhos da Província de Savóia. O objetivo principal da vinda dos frades foi o de encontrar um lugar onde os jovens frades franceses, ameaçados pelas leis anticlericais, pudessem completar sua formação religiosa. A realidade, no entanto, fez com que a temática da educação entrasse na preocupação dos frades (ZAGONEL, 2001, p. 353-359).

## 2. Os capuchinhos franceses no RS e as escolas

Chegados em Garibaldi em 18 de janeiro de 1896, os frades capuchinhos tem como foco principal de sua atuação a região de colonização italiana. Logo a missão se estende pela região de Lagoa Vermelha e Vacaria onde a população é predominantemente “brasileira”, ou seja, não composta por descendentes de imigrantes. Em 1903, quando assumem a direção do Seminário Diocesano de Porto Alegre, os frades se estabelecem na capital e, a partir dali, ampliam a percepção da realidade sulriograndense.

As dificuldades no campo da educação são vistas sob o prisma da moral e da educação religiosa como podemos ver nesta afirmação de frei Bruno:

Pobres colônias! Elas realmente têm necessidade de Religiosas e de Missionários. Este povo ainda é bom, muito bom mesmo: mas ele apodrecerá se não for cuidado imediatamente: sente-se já uma piora nas colônias mais antigas. Que a Providência nos guarde! (GILLONNAY, 2007, p. 42).

Os jovens são a preocupação principal: “A juventude está mergulhada numa ignorância religiosa apavorante”, afirma Frei Bruno em Carta de 20 de agosto de 1904 (GILLONNAY, 2007, p. 302). Cientes de sua missão e das limitações de pessoal, a estratégia de Frei Bruno de Gillonnay<sup>4</sup>, primeiro coordenador da missão, foi o de trazer religiosos e religiosas de origem francesa para levar adiante a missão educativa. Irmãs de São José de Moutiers, Irmãos Maristas e Irmãos Lassalistas são insistentemente contatados e convidados para atuar tanto na região de colonização italiana como na região dos “brasileiros” e em Porto Alegre.

<sup>3</sup> Nas páginas 100-130 o autor apresenta uma lista detalhada das instituições de ensino católicas no Brasil. Frei Bruno, em relatório ao Provincial de Savóia, também apresenta um levantamento da ação educativa católica no estado. Ver: GILLONNAY, 2007, p. 239-240.

<sup>4</sup> Sobre Frei Bruno de Gillonnay, ver: ZUGNO, Vanildo Luiz. Frei Bruno de Gillonnay: missionário, administrador, educador... e muito mais! Em: GILLONNAY, Bruno de. A Igreja e os Capuchinhos do Rio Grande do Sul: correspondência – 1895-1909. Porto Alegre: EST, 2007. P. 5-18.

Em carta ao Provincial de Savóia em 16 de julho de 1896, apenas seis meses após sua chegada em Conde d'Eu (atual Garibaldi), estão os primeiros registros de que já estão em andamento tratativas com a finalidade de trazer religiosas francesas com a finalidade de ensinar e visitar os doentes em suas casas (GILLONNAY, 2007, p. 37).

As Irmãs de São José de Moutiers chegam a Garibaldi em 23 de dezembro de 1898 e a escola para meninas inicia atividades em 16 de janeiro de 1899. No dia 8 de novembro de 1900 será a vez das irmãs se estabelecerem em Antônio Prado. Em 13 de fevereiro em Caxias do Sul e em outubro do mesmo ano em Nova Trento (atual Flores da Cunha). Mais tarde abrirão escolas em Vacaria, São João de Montenegro, São Lourenço (Município de Garibaldi), Nova Pompéia (atual Pinto Bandeira), Pelotas e Porto Alegre (D'APREMONT, 1976, p. 169-178). Os Irmãos Maristas chegam em Garibaldi no dia 1º de junho de 1904 e, no mesmo dia, iniciam as aulas (CLEMENTE; UNGARETTI, 1993, p. 37). A primeira fundação dos Irmãos Maristas no Rio Grande do Sul havia sido em Bom Princípio, em agosto de 1900, no contexto da imigração alemã (D'APREMONT, 1976, p. 179). Em 1909, além de Bom Princípio e Garibaldi, os Irmãos Maristas estão estabelecidos em São Leopoldo, Santa Maria, Santa Cruz, Cruz Alta, Passo Fundo, Uruguaiana, Alegrete, São Gabriel, Bagé, Livramento, Cachoeira e Lajeado com um total de 125 religiosos.

A presença dos Irmãos das Escolas Cristãos (Lasallistas), a partir da solicitação de Frei Bruno, se dará de maneira efêmera em Vacaria (GILLONNAY, 2007, p. 359, 361, 362, 365-374, 381-383, 397, 402-403, 412-414) e, consolidada, em Porto Alegre (D'APREMONT, 1976, p. 65).

Um outro campo de atuação dos capuchinhos na atividade escolar, bem menos conhecido que os anteriores, é o dos imigrantes poloneses. Apenas um ano depois de chegar em Garibaldi, Frei Bruno faz menção da presença dos poloneses, da necessidade de atendê-los e das vantagens que daí poderiam advir para a nascente presença capuchinha (GILLONNAY, 2007, p. 93-94). Em Carta de 12 de fevereiro de 1900 solicita a vinda de um Padre Polonês (GILLONNAY, 2007, p. 159). Depois de várias outras solicitações, seu pedido é atendido e, em 22 de março de 1901 chega a Garibaldi Frei Honorato Jedlinski de Przemysl que permanecerá na missão até 13 de dezembro de 1906, quando retorna para a Polônia.

Segundo frei Bernardin (D'APREMONT, 1976, p. 45-46), Frei Honorato foi “para seus patrícios, um verdadeiro apóstolo, ainda hoje lembrado com saudades” e “era incansável trabalhador e organizador de primeira ordem”. A obra evangelizadora e educativa de Frei Honorato, realizada em tão pouco e em condições tão adversas é algo de espetacular:

O Padre Honorato, além das pregações, confissões e comunhões, muito trabalhou na regularização de casamentos, manutenção ou restabelecimento de paz entre as famílias e indivíduos e na criação de escolas particulares. Conseguiu fundar 4 escolas em Dom Feliciano, 3 em Mariana Pimentel, 2 em Alfredo Chaves [atual Veranópolis], 2 em Capoeiras [atual Nova Prata], 4 em Nova Bassano, 1 em Guaporé, 1 em Esperança [atual Vespasiano Correa], 2 em Antônio Prado, 4 em São Marcos, 1 em Pelotas, 1 em Porto Alegre. Ao todo eram 25 escolas. (D'APREMONT, 1976, p. 46-47).

Um internato na Primeira Linha de Alfredo Chaves destinado a jovens de origem polonesa, que, a confiar na memória de Frei Bernardin, sobreviveu por pelo menos três anos a ausência de seu criador, foi outra contribuição de Frei Honorato à educação no Rio Grande do Sul (D'APREMONT, 1976, p. 47).

A amplitude da obra educativa escolar animada pela presença dos frades franceses ainda está para ser investigada. Os dados que temos registrados e, infelizmente, ainda pouco analisados e valorizados, referem-se quase que exclusivamente à educação ministrada em instituições formais de ensino mantidas pelas Irmãs de São José, Irmãos Maristas e Lassalistas. Dessas escolas – e isso pode-se afirmar com ampla margem de certeza – saíram centenas de professores e professoras que, em suas comunidades do interior, animavam pequenas escolas informais onde os filhos e filhas de imigrantes aprendiam os rudimentos do ler, escrever e contar. (CLEMENTE; UNGARETTI, 1993, p. 35-36).

### 3. Os capuchinhos e a educação para além da escola

Ao lado do estímulo à vinda de Congregações Religiosas para as escolas, a ação educativa dos capuchinhos teve outra dimensão que, assim como as escolas para os poloneses, são pouco conhecidas: o projeto do orfanato em Vacaria, a escola agrícola para os indígenas em Lagoa Vermelha e a imprensa católica.

#### 3.1. O Orfanato de Vacaria

A solenidade com que, em Carta de 25 de abril de 1901 (GILLONNAY, 2007, p. 188) Frei Bruno apresenta ao Provincial da Savóia o projeto é digna da amplitude do que se pretende:

Abrir um orfanato agrícola junto à cidade de “Vacaria”. Nesse lugar receberíamos os órfãos e as crianças abandonadas, as quais seriam ocupadas na agricultura. Atingida a idade de se estabelecer, o governo lhes concede um terreno perto de “Vacaria”, onde eles poderão constituir uma família e formar um vilarejo composto unicamente por aqueles que terão pertencido ao Orfanato. Desse modo, seria possível ocupar-se de suas almas. As irmãs de S. José abririam, elas também, na mesma localidade um orfanato (longe do nosso aproximadamente 500 metros) onde elas receberiam as moças e os meninos até que eles fossem capazes de trabalhar. Chegados à idade de poder trabalhar, os meninos seriam confiados aos Capuchinhos. (GILLONNAY, 2007, p. 189).

O objetivo vai além da simples educação. O que se quer é “Salvar tantos pobres abandonados. Dá dó ver quantos há desses na classe pobre: e saber que a maior parte destes infelizes tornam-se vagabundos, e que as mulheres quase todas se prostituem.” (GILLONNAY, 2007, p. 191).

Para pesar de Frei Bruno, o projeto do Orfanato de Vacaria não se desenvolveu como o planejado. Dele praticamente nada mais aparece nas correspondências... O as-

sunto da escola em Vacaria só aparecerá de novo em Carta de 14 de fevereiro de 1907 quando anuncia a chegada dos Irmãos das Escolas Cristãs (Lassallistas) para assumir uma escola em Vacaria (GILLONNAY, 2007, p. 357).

Do projeto original para o Orfanato de Vacaria de resgatar meninos e meninas órfãs da marginalidade e da prostituição, nada mais sobrou. No contrato assinado em 2 de abril por Frei Bruno e os Irmãos das Escolas Cristãs, nenhuma cláusula mais a eles se refere (GILLONNAY, 2007, p. 367-369). No dizer de Frei Bruno, “as promessas eram mais belas que a realidade (GILLONNAY, 2007, p. 382).

### 3.2. Educação Indígena

Outro episódio pouco conhecido da atividade educativa dos capuchinhos foi a realizada junto aos Guarani/Kaingang entre os anos de 1908 e 1919 no atual município de Cacique Doble (na época ainda território do município de Lagoa Vermelha).<sup>5</sup>

A primeira menção a uma presença junto aos kaingangs aparece numa carta de Frei Bruno de 14 de novembro de 1903<sup>6</sup>. Como nos informa Stawinski (1976, p. 252-253) ao contextualizar a origem do Toldo do Faxinal, 1903 é o ano em que “começaram a penetrar nessas fertilíssimas terras os primeiros colonos italianos provenientes de Nova Pádua” e os kaingangs, “na sua inata ingenuidade deixavam-se explorar, facilmente, pelos civilizados”. O esquema era simples: “em troca do trabalho nas roças dos colonos italianos, os índios recebiam alimento e roupa”.

No *Rosier de Saint François* de 1904 (GILLONNAY, 1904, p. 236-240), Frei Bruno narra seu encontro com os índios e faz uma descrição da sua situação. Assumir a Paróquia de Lagoa Vermelha (GILLONNAY, 2007, p. 278) é o caminho para a evangelização dos indígenas. Em 1908, como desejado por Frei Bruno, a Paróquia de Lagoa Vermelha será cedida aos frades com a condição da evangelização dos indígenas (GILLONNAY, 1910, p. 55). Frei Germain de Saint Six assume a Paróquia e Frei Bruno, pessoalmente, encarrega-se da missão junto aos indígenas.

Em busca de recursos, começa Frei Bruno uma intensa negociação com as autoridades do Estado do Rio Grande do Sul. Em 16 de junho de 1909 escreve carta a Carlos Barbosa, então Presidente do Estado, apresentando um projeto para o desenvolvimento

<sup>5</sup> A maioria dos estudos históricos sobre a presença dos capuchinhos no Rio Grande do Sul omite completamente esta atividade missionário e educativa ou dela faz breve menção sem dar-lhe a importância que nos relatos dos missionários capuchinhos, seja nas cartas de Frei Bruno, no Relatório de Frei Bernardin e na Revista *Rosier de Saint François*. Até o momento localizamos apenas um pequeno texto de Frei Alberto Victor Stawinski (Toldo dos Índios de Cacique Doble, em: D'APREMONT; GILLONNAY, 1976, p. 252-259) e o artigo de Luís Fernando da Silva Laroque (Kaingang e Missões Religiosas: situações de alianças e guerras. Em: *Tellus*, Campo Grande, ano 9, n. 16, p. 35-55, jan./jun. 2009).

<sup>6</sup> Por alguma falha do editor, a carta aqui referida não se encontra na edição publicada no Brasil (GILLONNAY, 2007). Ela pode ser encontrada nos arquivos da Província Capuchinha de Savóia no Arquivo dos Capuchinhos em Paris.

dos indígenas (GILLONNAY, 1910, p. 55-56). Sabendo que está tratando com um Estado comandado por maçons e positivistas (D'APREMONT, 1977, p. 75), Frei Bruno se abstém de qualquer referência à catequese ou religião. O objetivo apresentado é o de “civilizar e moralizar este povo”.

Para conseguir a aprovação do projeto, Frei Bruno vai encontrar-se pessoalmente com o Presidente do Estado e, no Diário Oficial de 18 de outubro de 1909, com a assinatura de Protásio Alves, é feita a nomeação de Ricardo Zeni como “Professor de Catequese dos índios de Lagoa Vermelha” e aberto um crédito extraordinário de cinco contos e 800 mil réis para promover a “catequese” dos índios de Lagoa Vermelha. A justificativa apresentada por Protásio Alves para a aprovação do projeto é “que chegou enfim o tempo de se servir, como fonte de trabalho, dos numerosos grupos de índios que vagueiam através das florestas do Estado” e “que este trabalho deve ser preparado pela catequese dos ditos índios, mediante um ensino adequado e ministrado por pessoal escolhido para este fim” (GILLONNAY, 1910, p. 86).

Em meio ao vai-e-vem da política indigenista dos governos estadual e federal e às tentativas da implantação de uma “catequese leiga” de cunho positivista para os indígenas, Frei Bruno e Ricardo Zeni não só conseguem manter, mas, inclusive, ampliar o projeto através da integração, em 1911, de Lucio Compagnoni como um segundo catequista (D'APREMONT, 1976, p. 76).

A última informação que temos a respeito da experiência de educação indígena em Cacique Doble é a de uma publicação feita no “*Il Colono Italiano*” de 1913 e transcrita por D'Apremont (1976, p. 79) em que é narrada a Primeira Comunhão de “umas vinte crianças, filhas da floresta”. Depois disso, apenas a informação de que “uma lei federal, de inspiração naturalista e materialista, liquidou em seu nascedouro a promissora missão de Frei Bruno entre os Caingangs do Toldo de Cacique Doble” (STAWINSKY, 1976, p. 257).

Em 1919 Frei Bruno volta à carga e inicia uma outra experiência de educação indígena no Toldo do Rio Ligeiro, nos limites da Paróquia de Sananduva. Em terreno pertencente à Mitra, constrói, com a ajuda dos colonos, “uma escola destinada à instrução e catequese dos índios e uma moradia para o professor-catequista” (STAWINSKY, 1976, p. 257). Inaugurada em 1920 e mantida sem a ajuda do poder público, a escola é dirigida por José Gelain (Beppi Bracco). Desta vez, porém, o que levou ao fracasso não foi a intervenção do poder público, mas a ganância de colonos e madeireiros que viam no projeto uma ameaça para suas pretensões de tomar conta das terras e das ricas madeiras nelas presentes. Assim descreve, de forma melancólica, Stawinsky (1976, 257-258), o fim da presença capuchinha entre os indígenas:

Mal, porém, os indiozinhos começaram a receber o primeiro banho de civilização e evangelização, mãos criminosas, talvez em nome de uma liberdade mal entendida, atearam fogo à escola e à moradia do professor, reduzindo tudo a cinza. Com esse inesperado sinistro esvaíram-te todas as esperanças de Frei Bruno relacionadas com a possível aculturação e cristianização dos índios Caingangs dos toldos de Cacique Doble e de Charrua.

### 3.3. A imprensa como meio de educação

Para ampliar o raio de ação da missão educadora, Frei Bruno apela a um outro instrumento, a imprensa. Em carta ao Provincial de Savóia, ele escreve, em 28 de julho de 1904 que “A Missão está decidida a comprar uma pequena impressora” cuja “finalidade [...] é a publicação de um boletim mensal no gênero daquele da obra de s. Francisco de Sales, para favorecer a obra das escolas, obra aliás recomendada pelos bispo brasileiros e funcionando maravilhosamente na diocese de Curitiba (GILLONNAY, 2007, p. 295).

No relatório a Dom João Batista Scalabrini por ocasião de sua visita às colônias italianas em 1904, assim Frei Bruno caracteriza seu projeto de imprensa católica:

Não a imprensa como é entendida na Europa, isto é, imprensa política, de novidades, de lutas apaixonadas. Não é este tipo de imprensa que queremos aqui. Trabalhamos para estabelecer com simplicidade, no centro da colônia italiana, uma pequena impressora, que levará, periodicamente, no seio das famílias, em sua língua materna, uma página do santo Evangelho, explicada e comentada, uma história edificante, alguns conselhos de agricultura, a indicação de algumas brochuras adaptadas às necessidades dos colonos... Os bons colonos italianos, privados de qualquer informação, na solidão de seus campos, aguardam esta impressora com santa impaciência. Esperamos que, no espaço de um ano, seus desejos sejam satisfeitos. (GILLONNAY, 1976, p. 247).

A difícil realidade fez com que somente a partir de 1910, e por caminhos diferentes dos por ele imaginados, o sonho viesse a se concretizar. Em 1910, na cidade de Caxias do Sul, Pe. Cármine Fasulo fundou um jornal católico, o *La Libertà*, o qual, devido aos conflitos com autoridades caxienses ligadas à maçonaria, teve curta duração. Impressora e jornal foram comprados por Pe. João Fronchetti, pároco de Conde de d’Eu, que transferiu o jornal para a cidade e mudou o nome para *Il Colono Italiano*. Para que o Pe. João pudesse se dedicar ao jornal, os Freis assumiram o trabalho pastoral nas capelas da paróquia e colaboravam com o jornal que começou assim a realizar o sonho de e evangelizar e educar através da imprensa. Em 1917 os capuchinhos adquiriram a tipografia e o controle da redação do jornal *Il Colono Italiano*, que passou a ser propriedade exclusiva dos capuchinhos e ganhou o nome de *Stafetta Riograndense*. A partir da edição de 10 de setembro de 1941 e por força de lei, o nome do jornal é mudado para Correio Riograndense (COSTA, 1996, p. 40-41).<sup>7</sup>

## 4. Os inimigos da educação católica

Por contraditório que pareça tanto a alguém provindo da França como a alguém acostumado com a mentalidade do padroado, os frades franceses sempre tiveram a cons-

<sup>7</sup> O papel do Correio Riograndense e seus antecedentes são exaustivamente discutidos em: VALDUGA, Gustavo. Paz, Itália, Jesus. Uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ciência de que a separação entre Igreja e Estado, no caso brasileiro, é algo que favorece à ação evangelizadora através da educação na medida em que permite uma educação religiosa sem a ingerência do Estado (GILLONNAY, 2007, p. 141).<sup>8</sup>

Em casos como o de Vacaria e Lagoa Vermelha (cf. acima), o preconceito contra a ingerência do Estado é superado e o apoio das autoridades locais e estaduais é buscado, mesmo tendo consciência de que estas representam o inimigo maçom e positivista.<sup>9</sup>

A regra geral, no entanto, é que o Estado não só não ajuda, como, obedecendo à lógica da mentalidade positivista que prevalece nos agentes da administração pública, coloca obstáculos ao êxito das escolas católicas abrindo escolas públicas e gratuitas nas mesmas localidades. Já em 1904 Frei Bruno sente a ameaça: “Por outro lado, as escolas sofrem. O Governo aumenta as suas e nos invade” (GILLONNAY, 2007, p. 302).

Frei Bernardin, ao comentar a situação das escolas mantidas pelas irmãs de São José em Nova Trento (atual Flores da Cunha):

Aproveito, também, para assinalar um fenômeno observado mais de uma vez no Rio Grande do Sul e cujas causas ainda não consegui esclarecer completamente. Uma vila não possui escola oficial, ou possui uma que vegeta; nós abrimos uma escola particular que logo prospera. Então se abrem uma ou duas escolas oficiais, rivais, preparadas e organizadas de modo a lhes garantir o êxito. Por quê? Felizmente, esta rivalidade, até hoje não conseguiu derrubar nenhuma das nossas escolas. (D’APREMONT, 1976, p. 141).<sup>10</sup>

Mas há outros inimigos que precisam ser vencidos. Pequena na região da serra gaúcha, – “Os protestantes, relativamente pouco numerosos, formam pequenos grupos de pouco interesse mesmo para seus pastores” (COURSEBAC, 1908, p. 349)<sup>11</sup> - mas não menos incômoda, é a presença dos protestantes que, onde estabelecem a comunidade religiosa, ela sempre é acompanhada pela escola. Entre o “católico” e a “escola”, Frei Bruno fica com o católico:

As missões que deram mais consolação foram as de Alfredo Chaves: lá nós batizamos uma família protestante. [...] Numa outra linha acabamos com uma escola protestante. Recebi do professor leigo uma carta, verdadeira coleção de injúrias das mais grosseiras.

<sup>8</sup> Assim descreve frei Bernardin a separação da Igreja e Estado ocorrida no Brasil: “Graças a múltiplas influências e às disposições pessoais dos dirigentes da política, este rompimento não foi, até o presente, odioso e perseguidor, antes: separação simpática e amigável” (D’APREMONT, 1976, p. 75. Grifo nosso)

<sup>9</sup> Sobre a relação entre a ideologia positivista e a constituição do Estado no Rio Grande do Sul no início do período republicano ver: AXI, Gunter. Gênese do estado moderno no Rio Grande do Sul 1889-1992. Porto Alegre: Paiol, 2011.

<sup>10</sup> A tensão com os responsáveis pelas escolas governamentais de Conde d’Eu (Garibaldi) também pode ser verificada em Carta de 24 de março de 2006 (GILLONNAY, 2007, p. 329).

<sup>11</sup> Já para o todo do Rio Grande do Sul, a avaliação feita por Frei Bernardin é diferente: “Os protestantes são assaz numerosos. A metade, mais ou menos, dos colonos de origem alemã, são luteranos. Os metodistas, ingleses e dos Estados Unidos, os sabbatistas e outras seitas das mesmas origens ou procedências, fazem, há algum tempo, do norte ao sul do Brasil, uma propaganda muito ativa.” (D’APREMONT, 1976, p. 20).



Tentou-se até levantar contra mim as autoridades civis. Quando eu o soube fui encontrar o Intendente (o prefeito) ao qual expus as coisas e ele aprovou inteiramente minha maneira de proceder. Agora tudo está tranqüilo e a escola está bem morta. (Carta 12 de janeiro de 1899, em GILLONNAY, 2007, p. 119-120).

O mesmo acontece em Porto Alegre quando, ao serem desligados da direção do Seminário, os freis capuchinhos assumem a recém criada Paróquia Santo Antônio. Seu primeiro pároco foi Frei Bernardin D'Apremont. Como em outros lugares, vê ele que evangelização e educação devem andar juntas e conter a presença protestante:

A catequese está organizada em toda a paróquia. [...] Torna-se também necessário um colégio para meninas e jovens, mantido por religiosas que lhes ministrem formação cristã. Contudo, não é o mais urgente. [...] Mas o que se torna urgente no Partenon é a criação de um colégio religioso para rapazes de famílias abastadas. Ao assumirmos a paróquia, encontramos ao lado da Igreja um colégio: internato e externato, de recente construção realizada por Metodistas e que está sempre mais lotado, mesmo com os filhos das nossas famílias católicas. Os pais lastimam mas vêm-se obrigados a matricular seus filhos naquele estabelecimento, por falta de colégio católico na paróquia. Com o auxílio da Divina Providência, nossos padres tiveram a alegria, no fim do ano, de inaugurar um colégio confiado aos Irmãos Lassalistas, que satisfazem plenamente a todas as aspirações. (D'APREMONT, 1976, p. 65).

No caso de Lagoa Vermelha e da ação educativa entre os indígenas, a motivação de Frei Bruno é a mesma:

Ministros protestantes visitaram há pouco estes pobres infelizes e projetaram, parece, evangelizá-los. Sabendo disso, julguei que seria uma vergonha para a Igreja, para a diocese e para os Capuchinhos deixarmos-nos antecipar pelos apóstolos do erro. [...] A evangelização destas tribos indígenas é uma obra que se impõe a todos nós, com ou contra nossa vontade, se queremos impedir que se tornem presa dos protestantes.<sup>12</sup>

Em Vacaria, à ameaça protestante se junta à presença do espiritismo:

Ao lado da 'caridade de Cristo que nos urge', os protestantes e os espíritos se fazem presentes para nos fustigar. Diariamente, progridem no sul do Estado; se não lhes barramos o caminho, sem demora, terão jogo fácil e colherão grandes vitórias nestas planícies do norte... (ALFRED, 1903, p. 141-142).

Ao lado do inimigo religioso, há um inimigo ideológico que é visto como ainda mais perigoso e necessário de ser combatido: o positivismo e, sua expressão organizada, a maçonaria (D'APREMONT, 1976, p. 49-52).

São inimigos poderosos, que, ao lado dos socialistas e anarquistas, foram bem combatidos pela ação educadora dos frades e que, se não foram vencidos, pelo menos já não são tão ameaçadores como antes:

<sup>12</sup> Carta de 14 de novembro de 1903 não presente na edição brasileira (GILLONNAY, 2006). Ver também GILLONNAY, 2007, p. 281.

Para quem viu o antigo Rio Grande do Sul e o vê agora, nota uma grande mudança. Felizmente para melhor, embora o mal também trabalhe. As seitas protestantes, a maçonaria, o positivismo, os líderes socialistas e até anarquistas, a má imprensa, não permanecem inativos. (...) Os rapazes têm a possibilidade de serem educados nos estabelecimentos religiosos; perdem, assim, o respeito humano e se subtraem melhor que outrora às doutrinas subversivas... (D'APREMONT, 1976, p. 43).

## 5 . A educação como fator de integração social

Ao lado da formação de jovens dentro dos princípios da religião e da moral católica, um objetivo que sempre esteve presente na visão educativa dos capuchinhos franceses, era o da integração dos filhos dos migrantes à sociedade brasileira através do trabalho. As escolas, tanto masculinas como femininas, sempre foram vistas como um lugar privilegiado para capacitar para uma inserção produtiva na economia local. Tal desejo pode ser contactado em todos os projetos educacionais.

Em carta de 11 de maio de 1900 – quatro anos antes da chegada dos irmãos maristas – Frei Bruno expõe as cláusulas para a fundação da em Conde d'Eu. Transcrevemos aqui as cláusulas 4ª e 6ª:

4ª O italiano e o português serão as duas línguas ensinadas no colégio de Conde d'Eu. O italiano porque é colônia italiana, o português porque é a língua do país.

6ª - É de todo necessário, para o êxito do colégio, que um Irmão possa dar lições de agronomia teórica e prática. Esta condição é um dos pontos aos quais a Comissão mais faz questão e agrega mais importância: nós estamos no meio de um povo agricultor. (GILLONNAY, 2007, p. 168-169).

A *quarta cláusula*, ao propor, ao lado do italiano, o ensino do português, sinaliza que os imigrantes não podem ser mantidos à margem da sociedade em que estão vivendo. É, no entanto, a *cláusula sexta*, aquela que vai garantir a realização do desejo dos colonos em relação à educação que a escola católica. O sublinhado do texto manuscrito salienta sua importância. Sendo a economia da região baseada na agricultura, é necessário que os filhos dos imigrantes adquiram, através da escola, os conhecimentos práticos que serviram de garantia para a inserção na economia da região.

A mesma preocupação pode ser percebida na discussão de Frei Bernardin com seus contrincantes do *Italica Gens* a respeito das escolas das irmãs em Nova Trento:

Mas onde encontraria ele [Dr. Veronesi] uma escola primária que ensinasse as jovens artes lucrativas? [...] De resto, em Nova Trento, como em todas as suas casas, as Irmãs de São José ensinam as alunas: bordado, pintura de agulha, crochê e mesmo um pouco de música. Poderiam fazer mais. [...] Ao ler o Dr. Venerosi, conclui-se que a causa de todas as misérias das colônias italianas do Brasil Meridional, é a falta, ou melhor, a escassez de escolas e que a panacéia universal e a cornucópia da abundância fazem-se na multiplicação das escolas. Não será ilusão? Realmente, a ignorância deve ser banida, a instrução

deve ser propagada, porém outros elementos também entram no conjunto das causas que geram o progresso dos povos, mesmo no campo material. (D'APREMONT, 1976, p. 141).

Progresso material e cuidado nas almas não são vistos como excludentes... O projeto de abertura do Orfanato em Vacaria vai na mesma perspectiva ao propor receber “os órfãos e as crianças abandonadas, as quais seriam ocupadas na agricultura” os quais “atingida a idade de se estabelecer, o governo lhes concede um terreno perto de “Vacaria”, onde poderão constituir família” (GILLONNAY, 2007, p. 189).

A ação educativa junto aos indígenas de Lagoa Vermelha é ainda mais ambiciosa. Não apenas quer o progresso econômico dos indígenas. O objetivo é, unindo integração na sociedade com trabalho na agricultura, contribuir no desenvolvimento da sociedade brasileira. Assim escreve Frei Bruno:

Acredito que assim se conseguirá uma verdadeira transformação neste povo, submetê-lo às leis do Brasil e até chegar a fazer desse lugar uma florescente colônia agrícola. (GILLONNAY, 1910, p. 56)

### Conclusão

Dos projetos de educação sonhados pelos capuchinhos franceses no Rio Grande do Sul, o do Orfanato de Vacaria foi o único que nunca chegou a se concretizar. A Escola Agrícola para indígenas e o das escolas para os filhos dos imigrantes poloneses, mesmo de duração efêmera, mereceriam ser resgatados pelo ineditismo e a significação histórica de seu pioneirismo.

O empenho para a instalação de Maristas, Lassalistas e Irmãs de São José, juntamente com a ação educativa através do “Stafetta Riograndense” e seu sucessor, o “Correio Riograndense”, são marcos na educação no Estado que permanecem até hoje.

Em todos eles, uma constante: a formação religiosa e moral na perspectiva da católica da juventude para que fosse, na sociedade, uma defensora da Igreja e combativa dos inimigos da Igreja e da fé. Nesse sentido, o projeto de educação capuchinho se desenvolve plenamente dentro da perspectiva do projeto de reforma romanizante da Igreja Católica em curso no Brasil. Por outro lado, outra constante: a preocupação com a inserção econômica e social dos filhos dos imigrante o que, no longo prazo e como podemos constatar no presente, acabaria por subtrair as populações descendentes dos imigrantes, do controle da Igreja.

### Referências

ALFRED, Fr. Mission des Capucins de Savoie ao Brésil. Letre du P. Alfred à um de ses amis. Em: *Le Rosier de Saint François*, Chambéry, France, IV Anée, n. 4, p. 141-143, 1903.

AXT, G. *Gênese do estado moderno no Rio Grande do Sul 1889-1992*. P. Alegre: Paiol, 2011.

AZZI, R. *A Igreja na Formação da Sociedade Brasileira*. Aparecida, SP: Santuário, 2008.

CLEMENTE, E.; UNGARETTI, M. *História de Garibaldi*: 1870-1993. P. Alegre: EDIPUCRS, 1993.

COSTA, Rovílio. A imprensa na visão de Frei Bruno de Gillonnay. Em: COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis A. *Os Capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1996. P. 40-44.

COURSEBAC, Ch. Missions françaises dans le Rio Grande do Sud (Brésil). – VII. Alfredo Chaves. Em: *Le Rosier de Saint François*, Chambéry, France, IX Année, n. 9, p. 347-349, 1908.

D'APREMONT, Bernardin. Missão dos religiosos franceses nas colônias do Rio Grande do Sul. Em: Idem. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976. P. 13-222.

DREHER, Martin N. *Breve História do Ensino Privado gaúcho*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

GILLONNAY, Bruno de. *A Igreja e os Capuchinhos do Rio Grande do Sul*: correspondência – 1895-1909. Porto Alegre: EST, 2007.

GILLONNAY, Bruno de. Les commencements d'une Mission confiée aux Pp. Capucins de Savoie chez les Indiens de l'Etat du Rio Grande do Sul (Brésil). Em: *Le Rosier de Saint François*, Chambéry, France, XI Anée, n. 1, pp. 54-57, 1910.

GILLONNAY, Bruno de. Les commencements d'une Mission confiée aux Pp. Capucins de Savoie chez les Indiens de l'Etat du Rio Grande do Sul (Brésil) (Suite). Em: *Le Rosier de Saint François*, Chambéry, France, XI Anée, n. 3, pp. 85-87, 1910.

GILLONNAY, Bruno de. Mission des Capucins de Savoie ao Brésil. Em: *Le rosier de Saint François*, Chambéry, France, V Anée, n. 7, pp. 236-240, 1904.

GILLONNAY, Bruno de. Relatório de Frei Bruno a Dom Scalabrini, Bispo de Piacenza. Em: D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no R Gde do Sul*. P. Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976. P. 244-248.

HASTENTEUFEL, Zeno. *Dom Feliciano na Igreja do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Acadêmica, 1987.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva. Kaingang e Missões Religiosas: situações de alianças e guerras. Em: *Tellus*, Campo Grande, ano 9, n. 16, p. 35-55, jan./jun. 2009.

LUSTOSA, Oscar de Oliveria. *A presença da Igreja no Brasil*. São Paulo: Giro, 1977.

MOURA, Laércio Dias de. *A educação católica no Brasil*: passado, presente e futuro. Brasília, DF: São Paulo: ANAMEC, Loyola, 2000.

STAWINSKI, Alberto Victor. Toldo dos índios em Cacique Doble. Em: D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno. *Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1976. P. 252-259.

VALDUGA, G. Paz, Itália, Jesus. Uma identidade para imigrantes italianos e seus descendentes: o papel do jornal Correio Riograndense (1930-1945). P. Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VIEIRA, Dilermando Ramos. *O processo de reforma e reorganização da igreja no Brasil (1844-1926)*. Aparecida, SP: Santuário, 2007.

ZAGONEL, Carlos Albino. Província do Rio Grande do Sul. Sagrado Coração de Jesus. Em: Id. (Org.). *Os Capuchinhos no Brasil*. Porto Alegre: CCB/EST, 2001.

ZUGNO, Vanildo Luiz. Frei Bruno de Gillonnay: missionário, administrador, educador... e muito mais! Em: GILLONNAY, Bruno de. *A Igreja e os Capuchinhos do Rio Grande do Sul: correspondência – 1895-1909*. Porto Alegre: EST, 2007. P. 5-18.